

Público

02-09-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 611

Imagem: S/PB

Página (s): 46

Pastoril governação

António Correia de Campos
Terra e Lua

Considerar que o que se passou no Caramulo foi apenas um grande fogo ateadado por mão criminosa, como disse ou deixou intuir Passos Coelho, é de um simplismo aterrador

1 O quadro clássico tem mais de trinta anos. O governante sai do gabinete, vai aos fogos e antes que lhe perguntem pela suficiência e adequação de meios de combate, dispara contra a mão criminosa. Não há melhor alibi. No início eram os madeireiros, depois as empresas de celulose, mais tarde os deficientes mentais, a seguir os verdadeiros criminosos imputáveis e até bombeiros pirómanos. Pelo caminho culpa-se o Estado de não dar o exemplo, limpando as próprias matas. Esquece-se que há oitenta ou cem anos, os locais onde o fogo lavrou agora estavam carecas em todas as fotos da época, pela simples razão de que já tinham ardido. E não havia cabras nem ovelhas nem bois em número suficiente para rapar os matos ou a necessitar de estrume para roçar. Não significa que se deixe arder tudo, como no passado, mas sim prevenir bem e quando o fogo lavrar, poupar o mais valioso. O que mudou foi a disseminação populacional por tais locais - onde poderiam as pessoas ter construído a sua casa, se o custo do terreno na vila ou aldeia era especulativo?

A abertura de mais caminhos e estradas, sem grande plano, a falta de cuidado na construção de aceiros a omissão de tanques e depósitos, a insuficiente informação às populações, tudo se junta num ramalhete de causas. Veja-se só que nos cabeços onde giram as hélices da energia eólica, com estradas bem construídas e mato limpo, pouco ou nada arde. Tal como nas clareiras abertas pela rede eléctrica. Em compensação, florestar uma ravina é alimentar uma chaminé incontrolável a médio prazo. Não desbasta os pinheiros (como pagá-lo?) já sabemos que densifica a biomassa combustível. Treinar bombeiros não é tarefa fácil e importar professores nem sempre resolve o problema, como aconteceu com os bombeiros chilenos massacrados pelo fogo, anos atrás. Dispor de meios aéreos abundantes em tempo de crise é uma quase impossibilidade. Utilizar militares sem preparação específica seria criminoso, como aconteceu no início da década de sessenta, com o massacre de um

pelotão inteiro, na serra de Sintra. Este ano já perdemos cinco preciosas vidas e outras mais se perderão dada a gravidade de alguns feridos. Nenhum bem material vale uma vida. Arriscar a vida pode valer a pena se for para salvar outras. Nunca para salvar um par de cabras ou ovelhas, mais o porco e a criação.

Não há respostas fáceis, nem causas únicas e evidentes. Para problemas complexos e de várias causas as respostas não podem ser simplistas. Considerar que o que se passou no Caramulo foi apenas um grande fogo ateadado por mão criminosa, como disse ou deixou intuir Passos Coelho, é de um simplismo aterrador. E deseducativo, por menosprezar o trabalho de casa da prevenção. Passos deveria ter sido convenientemente preparado. Deve ter ouvido os números, os quais andam à volta de 80 por cento dos fogos com origem humana, mas menos de 20 por cento com origem criminosa. Devem ter-lhe explicado, ao ver o fenómeno dantesco do fogo em todas as direcções, ateadado por ventos fortes e material combustível disponível, que um só incêndio, mesmo pequeno, mesmo já em extinção, pode ainda reacender numa dúzia de locais diferentes, pela só força do vento que transporta fagulhas e ramos a arder. Tudo isso lhe foi certamente dito e ele próprio viu. Daí que se não entenda o simplismo do afunilamento da sua mensagem política na "mão criminosa". Se se tratasse de alguém sem responsabilidades seria apenas mais uma opinião, mal informada. Vinda de quem veio, com a melhor informação disponível, parece difícil afastar a hipótese da demagogia.

Finalmente, parece terem sido encontrados bodes expiatórios, imediatamente presentes a tribunal. Quase apostaria, dobrado contra singelo, que a acusação se vai esboroar, como tantas no passado. E que será impossível culpar uma mão perversa por fogos surgidos do nada, em locais afastados entre si. Quando os presumíveis culpados forem ilibados, já o vento terá amainado, a temperatura terá descido e o teor de humidade subido. Terão chegado a Portugal os meios aéreos que deveriam ter sido contratados antes, quando se constatou a inoperacionalidade de alguns dos inicialmente



Não há respostas fáceis, nem causas únicas e evidentes



previstos. O ministro da pasta irá assistir à extinção do último fogo e condecorar os bombeiros que mais se distinguiram. Espera-se que as famílias dos mortos, além de bonitas palavras, disponham já de uma indemnização, nunca suficientemente compensatória. Haverá provavelmente um workshop, no Outono ou Inverno, para calar as vozes dos que arguíram falta de preparação. E tudo voltará ao que era dantes. Até ao próximo Verão.



Passos Coelho tem um secretário de Estado adjunto que gosta de dizer coisas. E deixam-no. Em Março de 2011, ainda fora do Governo, afirmava peremptório que um aumento do IVA não passava de um recurso "hipotético", numa situação de "desespero", em que no curtíssimo prazo não houvesse tempo para outras medidas e como alternativa a "mexer" nas pensões. Como se viu, em menos de dois meses a realidade desmentia-o no IVA e em menos de seis meses nas pensões, de forma recorrente, pisando a linha da inconstitucionalidade, com a qual o Governo tão mal convive. Afirmava ele, então, que o que se passava em Portugal não era da responsabilidade da crise internacional (como dizia que o PS defendia), mas sim

que havia uma crise "muito portuguesa". Em menos de um ano o Governo mudou de opinião e passou a culpar a conjuntura externa dos erros, visíveis e denunciados, da sua própria política. Em Janeiro de 2013, o mesmo secretário elogiou o relatório do FMI sobre o Estado social, o qual propunha aumento das taxas moderadoras, dispensa de 50 mil professores e um corte em todas as pensões, para alcançar uma redução de 4 mil milhões em despesa corrente do Estado. O actual, e provavelmente futuro, presidente do município de Cascais, Carlos Carreiras, propôs então a demissão do secretário, indignado pela insensibilidade dos elogios ao relatório, o qual havia resultado, confessadamente, de consultas ao Governo. Ultimamente o secretário tem sido mais acaciano: não admite a ideia de que Portugal não retome o crescimento. Aí está uma tese de fácil consenso. Que talento! Mas logo lhe foge o pé para a poça: "As soluções para a saída da crise não são visíveis aos olhos do público, nem têm que o ser!". Pois claro, basta que o sejam para o FMI, a troika e os que cá a representam. O povo rústico e ignaro, e dentro dele as oposições, devem deixar-se conduzir, mansamente. Eis o bucolismo pastoril dos gurus do nosso poder!

Deputado do PS ao Parlamento Europeu. Escreve à segunda-feira